A VINGANÇA DO PHARAÓ

VI

UMA VIAGEM DE AEROPLANO INTERROMPIDA — OS INUTEIS ESFORÇOS DO DR. LEW — A MISTERIOSA MORTE DE LORD CARNARVON — A FOLHA DO CALENDARIO — NOVA REUNIÃO DOS «FILHOS DE AMON-RÁ» — O SEGREDO DOS VELHOS «PAPYRUS» — A CONDENAÇÃO DE KHONSÚ — OS DESIGNIOS DE AMON — «A COLERA DO FARAÓ CAIRÁ SOBRE HOWARD CARTER!»

QUANDO, alta noite, Khonsú regressou a casa, a alma desvairada por aquele amor que brotara ante as tumbas fronteiriças dos remotos faraós e que êle via agora fenecer ao lado dessa outra tumba, prestes a abrir-se, para receber Carnarvon, foi encontrar o velho Menco ainda debruçado sobre os amarelentos *papyrus*.

Ao vê-lo, Menco disse, com satânica alegria:

— Tut-ankh-amen tem o mesmo poder do nosso deus, por êle reivindicado. Diz-nos aqui a sagrada historia. Armais morreu por querer que Aten queimasse as cinzas de Tut-ankh-amen.

Fez uma pausa e depois, convergindo seus olhos, como dois punhais, para os olhos do filho, declarou, como se pronunciasse uma ameaça:

— Que a crença em Amon transborde em tua alma como num calice de *loctus*, te desejo, irmão!

Hirto, severo, Khonsú descerrou seus labios palpitantes por ignorada dôr, e no silencio imperante, apostrofou:

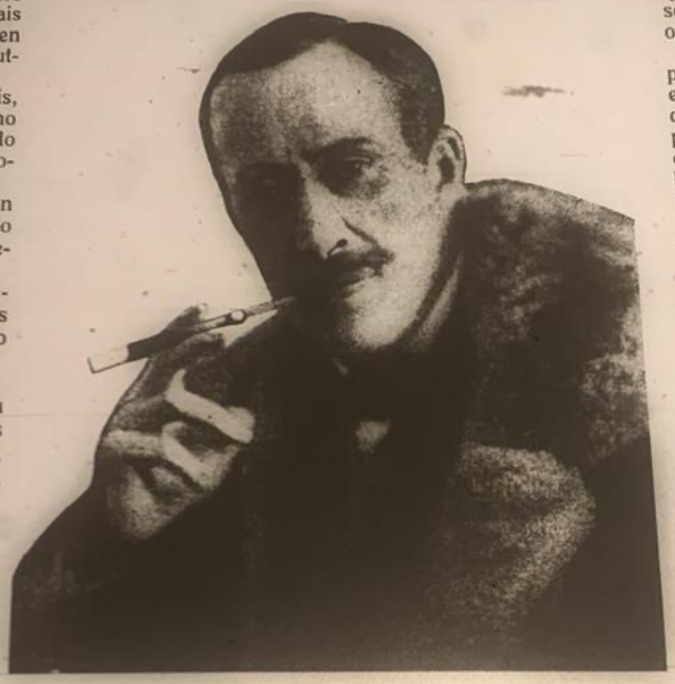
— Assassino!

A palavra pronunciada com estranha decisão, ecoou pelos compartimentos contiguos, ecoou sinistramente, como num subterraneo.

— Traidor! meu filho não és...

Khonsú retirava-se lentamente, com passo firme, resoluto.

Um grande silencio envolvia toda a casa, onde dir-se-ia pairar uma interrogação de morte.



Lord Carnarvon

Súbito, porem, uma porta se fechou com estrondo e logo os passos de Khonsú soaram fortes na escadaria que dava para a rua.

Menco levantou seu braço num gesto ameaçador, no gesto tragico de quem pede vingança a um deus distante e protector. E na penumbra do recinto seus olhos, de singular mobilidade, fulguravam como dois fusos em braza.

Mas logo um ruido conhecido, andar de fantasma em palacio desabitado, fê-lo regressar à normalidade: — e êle, abandonando o gabinete, dirigiu-se á porta que comunicava com os jardins. E uma sombra que ali o aguardava esgueirou-lhe para as mãos um pequeno papel. Era um telegrama dum dos «Filhos de Amon-Rá», que estava adido à legação em Londres.

O vulto que o trouxera desapareceu nas trevas da noite, desapareceu silenciosamente, emquanto Menco regressava de novo ao seu gabinete.

O telegrama anunciava que Lady Carnarvon deixara Londres, a caminho do Cairo, logo que soube da doença do seu marido. Mas, durante a travessia Londres-Paris, adoecera repentinamente, tendo o aeroplano que a transportava de descer nesta ultima cidade. Depois de reler o despacho telegrafico, para certificar-se de que aquela coincidencia assombrosa não era uma ilusão da sua vista, Menco ergueu seus braços e proclamou no silencio que envolvia a sua casa:

— Graças a Amon poderoso! Tut-ank-amen inicia a sua vingança!

•

Encostado à janela, no quarto onde lord Carnarvon agonisava, o dr. Lew quedava-se ensimesmado, como se estivesse contemplando a vasta paisagem que dali se vislumbrava. Na quietude do meio-dia, o Nilo dir-se-ia adormecido, extasiado ante os dias gloriosos do seu passado.

Sob os esplendores do sol primaveril, Thebas, na margem esquerda, semelhava uma cidade conquistada, desmoronada pelo invasor,—uma cidade, em cujas muralhas derruidas, em breve se ia erguer o estandarte dos triunfadores.

Ao fundo, a cordilheira libica dir-se-ia de neve, e refulgia e scintilava e dava a impressão de que ia abater-se sobre o Vale dos Reis, para sepultar mais fundo às mumias regias, que a arqueologia vinha desentranhando do ventre do Remoto.

Na margem direita, rio abaixo, negrejavam os perfis das palmeiras e logo o Grande Templo, depois o Templo de Karnak e, por fim, numa fita branca, a cortar a placidez azul do firmamento, a coluna de fumo que se desprendia do comboio, que marchava do Cairo para o Louqsor. Ante a paisagem funebre, mortuaria, à qual o proprio sol não conseguia transmitir sua vida radiosa, o dr. Lew conservava-se pensativo, debruçado sobre um pelago de meditações.

Surpreendia-o o avanço repentino que a doença fizera no organismo de Lord Carnarvon, — preocupava-o a causa dessa doença que, embora justificando-se em sucessivos prejuizos fisiologicos, conseguia romper o ciclo daquela vida numa vertigem até ali nunca observada em casos semelhantes.

Medico racionalista, liberto de superstições, o dr. Lew observava o fenomeno apaixonadamente, na ancia de registar entre os seus conhecimentos aquele caso unico na sua carreira clinica, só justificado por uma singular compleição fisica.

O quarto estava envolto num silencio pesado, asfixiante, o mesmo silencio que abria suas azas translucidas sobre Louqsor, sobre Thebas e, quiçá, sobre todo o Egito.

O dr. Lew, não tendo esperanças de salvar o arqueologo, aguardava, contudo, a hora de lhe aplicar uma nova injecção — uma daquelas injecções com que, ha dias, vinha prolongando o bruxolear daquela vida, prestes a apagar-se.

Súbito, porém, Lord Carnavon foi atacado por repentina convulsão, que lhe fez descerrar as palpebras, soerguer-se no leito, de olhos alucinados,—e estender os braços, crispar as mãos, como se quizesse estrangular um vulto invisivel

fantasma, que só existia no misterio de suas pupilas. Logo um grito de terror cachoeirou-lhe na garganta e êle deixou-se tombar sob os lençois, — os olhos vitreos, paralisados, agigantando-se nas orbitas, — os braços ainda erguidos e crispados, como se tentassem levar comigo, para o seio da morte, o corpo do imaginario inimigo. Vendo a inutilidade de seu auxilio, o dr. Lew aproximou-se lentamente do leito e, mais lentamente ainda, verificou que o pulso de Carnarvon já não palpitava.

Piedosamente ia para cerrar aqueles olhos, que um medo sinistro, incompreensivel, cristalisara tragicamente, quando umas pancadas breves, anciosas, soaram na porta do quarto.

Era Lady Evelyn, que acudia ao grito com que seu pai, pouco antes, perturbara o silencio em que jaziam todos os aposentos. Ao vêr o rosto do medico penumbrado de tristeza, perguntou desvairadamente:

— Peorou? Morreu?!

O dr. Lew respondeu lentamente, gravemente:

— Morreu, minha seuhora!

Lady Evelyn, amargurada, atonita, deixou-se cair sobre uma cadeira, deixou que pelo seu rosto, duma tão exquisita beleza, deslisassem as lagrimas do desespero.

Entretanto, pela porta que ela deixara aberta, entrou uma lufada de vento, que rodopiou pelo quarto, arrancando a folha dum calendario que jazia na parede. Involuntariamente os olhos do dr. Lew se fixaram nessa folha, que marcava a grandes letras o dia 5 de Abril de 1923, dia em que a morte roubara à vida a Carnarvon, dia em que precisamente, cinco meses antes, Carnarvon e Carter roubavam à morte o repouso milenario do faraó Tut-ank-amen.

•

De novo se volvia a acender a lampada da catacumba dos sacerdotes de Amon. De novo, no silencio da noite, sombras lestas se esgueiravam atravez da galeria que baixava do templo de Ramsés II. «Os filhos de Amon-Rã» voltavam a reunir-se extraordinariamente Amplas e negras tunicas lhes envolviam o corpo, seus pés, calçando sandalias leves, deslisavam silenciosamente atravez o recinto de luz penumbrosa. Logo que entraram na catacumba, os membros-perpetuos da sociedade reverenciaram a Amon, cuja estatua tosca, colossal, adquiria no extranho do logar proporções fantasticas. Depois, assim que Menco entrou, todos êles se acercaram dos tamboretes — e nestes se sentaram.

A lampada pestanejava agora, baloiçava-se indolentemente, no alto da cripta e lançava uma horda de sombras sobre os velhos sarcofagos dos quais, por isso, dir-se-ia levitar a remota alma do corpo que êles encarceravam. Lentamente, em silencio, Menco deixou o tamborete, aproximou-se de Amon e, erguendo seu braço para o deus vetusto, disse:

— Irmãos: — Amon está vingado! A esta hora ha um cadaver a embalsamar no hospital Kasrelaini. Não me quiz opôr a que êsses impios restos mortais seguissem seu odioso destino... Todavia nós fomos traídos! O homem que aqui elegemos para executar a vontade sagrada de Amon, traiu a nossa sociedade, traiu o juramento que havia feito ao nosso deus...

Uma dolorosa espectativa sucedeu a estas palavras. Logo um dos «filhos de Amon-Rã» soergueu-se e contestou:

— Mas êsse homem é teu filho!

Menco perfilou seu corpo senil, como se quizesse alijar das costas o pêso da paternidade e depois, trementes os labios, lusidios os olhos, respondeu colericamente:

— Já não é meu filho — é um traidor! Pela magia duma estrangeira não cumpriu a vontade de Amon: que a colera de Amon caia, pois, sobre êle!

Em aprovação, todos os «Filhos de Amon-Rã» se levantam e aguardam que Menco retire, à sorte, do regaço do seu deus, a fixa que deve eleger o executor de Khonsú. E essa fixa, por irremediavel coincidencia, trazia gravado o proprio nome de Menco. Não vacilou o ancião ante aquele designio do Acaso, não o comoveu a sua eleição para assassinar o proprio filho e sereno, singularmente austero, pronunciou com voz firme, inexoravel:

— Sou eu o escolhido de Amon!

E voltando-se para o deus e estendendo o braço, acrescentou solenemente:

— Juro que hei de trazer-te o coração do traidor!...

E seus dedos se crisparam no ar, como se se tivessem fundido já na abobada do peito reprobo, — e lá procurassem esmagar a viscera traiçoeira. Os «Filhos de Amon-Rã» volvem a sentar-se em silencio. Nas paredes, os olhos artificiais dos crocodilos teem satanicas relulgencias, resplendores estranhos, sinistros. Então, com lento ritual, Menco avança para o centro da catacumba e de pé, expõe as pranchas de papyrus onde está gravada a historia dos faraós, — explica como conseguiu descobrir que Tut-ankh-amen, herdando o poder de Amon, o deus por êle reivindicado, pudera vingar-se de Armais, que fôra perturbar a eternidade de seu sono. A luz bruxoleia mais, vai amortecendo, envolvendo a catacumba, numa penumbra fantasmagorica, vai envolvendo a estatua de Amon de sombras terrorificas, de indesvendaveis misterios. Lentamente, Menco volve a elucidar seus irmãos em fé:

— Quando o outono amarelecer as arvores, o estrangeiro impio continuará a profanar o tumulo de Tut-ankh-amen. E agora que a nossa sagrada historia nos revela que Tut-ankh-amen herdou o poder de Amon, imploremos-lhe que a sua vingança, que já caiu sobre a cabeça de Carnarvon, caia tambem sobre a de Howard Carter...

Automaticamente, os «filhos de Amon-Rã» levantam-se, caminham para junto da estatua de Amon e estendendo os braços, suplicam ao seu deus a vingança futura:

— Que a colera do teu reivindicador caia sobre Howard Carter!

Demoram-se em adoração e sob aquela luz mortiça, luz de lâmpada votiva prestes a extinguir-se, volvem a repetir:

— Que o teu odio, ó deus Uno, Pai de todas as coisas! caia sobre a cabeça do estrangeiro impio...

Depois, a um sinal de Menco, erguem o busto e caminham até aos sarcofagos onde repousam os sacerdotes de Amon. E ali, volvem a ensaiar a suplica, a pedirem aos manes do Passado a morte dos profanadores de Thebas, a Eterna. Na penumbra, cada vez mais densa, da catacumba, os olhos dos crocodilos adquirem novos e sinistros resplendores, emquanto Menco, aproximando-se da galeria, declara aos «Filhos de Amon-Rã» que, pela sua idade, ainda não alcançaram logar entre os membros-perpetuos:

— Irmãos: — Tut-ankh-amen vingar-se-ha dos profanadores de seu sagrado tumulo! Ao hospital Kasrelaini irá em breve ter o cadaver do companheiro de Carnarvon...

As palavras de Menco, ao ecoarem pela galeria em trevas, dir-se-iam uma sentença inexoravel, pronunciada num subterraneo inquisitorial.

FIM